

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 30.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fora da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTOR: CARLOS JANSEN.

PORTO ALEGRE.

SANTA CASA DA MISERICORDIA.



hospital d'este piedoso estabelecimento pôde-se dizer que teve origem entre os annos de 1780 á 1801, mediante a vocação espontanea e particular de José Antonio da Silva, antigo morador na rua dos Nabos á doze, hoje conhecida pela do Arroio ou Peccados Mortaes, o qual em sua casa estabeleceu uma enfermaria aonde se recolhião alguns enfermos forasteiros, que á esta terra chegavão doentes.

Por morte d'este bom homem, muito conhecido nesse tempo pelo appellido de — Nabos á doze — Antonio José da Silva Flores e Luiz Antonio da Silva tomarão á si a continuação d'esta obra pia, que tinha desaparecido e com sacrificios de seu repouso, bens e esmolos dos fieis, á quem recorrerão, poderão conseguir quantia, com a qual sobre pilares mandarão fazer uma enfermaria pelas immedições do Largo da Forca, e no anno de 1795 já nella se prestavão os beneficios á que era destinada, porém chegando á esta cidade pelo anno de 1801 o irmão Joaquim Francisco do Livramento, natural de Santa Catharina e associando-se á este piedoso exercicio, procurou dar-lhe desênvolvimento, conforme os sentimentos de religiosa piedade, que aqui o havião conduzido e com effeito tal foi a dedicação d'este santo homem, que sem receio de errar se poderá dizer, que foi elle o primeiro fundador do hospital de caridade, que hoje contemplamos e admiramos, contando apenas meio seculo de existencia. O referido Sr. Joaquim Francisco do Livramento se offereceu para ir, como foi á Lisboa, para onde partio em fins do anno de 1802,

afim de solicitar da côrte de Portugal a graça de conceder que se fundasse aqui um hospital de caridade e tendo S. A. R. o Principe D. João attendido ás supplicas do referido irmão, concedeo, por aviso de 14 de Maio de 1803, a graça que pedia.

Governava esta provincia nesse tempo o chefe de esquadra Paulo José da Silva Gama, que mandou que fosse cumprido aquelle aviso e então, de accordo com a camara, se nomeou uma administração de 3 membros, não só para se encarregar da direcção da enfermaria existente, como das obras projectadas para a fundação do novo hospital. Forão eleitos para esta commissão: thesoureiro — o capitão José Francisco da Silveira Casado; escrivão — Joaquim Francisco Alvares e procurador — Luiz Antonio da Silva, offerecendo-se tambem para servir por devoção, fazendo parte d'esta commissão, o Reverendo Francisco Ferreira I seu taboleiro tão, que foi aceito. Com effeito em fins do anno 1803, se deo principio á fundação do hospital de a manhã era caridade d'esta cidade, debaixo da inspecção do eng. se do-nheiro brigadeiro Francisco João Róscio, o qual ha- os virão tendo governado no anno anterior interinamente esta para o provincia, nesta qualidade concedeo o terreno em que se achava fundado este estabelecimento, se bem que ainda por concluir, porém fallecendo o dito brigadeiro em 1806, nem por isso as obras parárão, proseguindo até 1814, em que parárão por haver fallecido o de- voto que servia de escrivão e nestas circunstancias os mais administradores que lhe sobrevierão, requererão ao capitão general D. Diogo de Sousa para se eleger canonicamente uma mesa administrativa do estabelecimento, o que se conseguiu tendo lugar em verança de 15 de Janeiro de 1815, sendo eleito; provedor — o Exm.º Marquez de Alegrete, vice-provedor — o tenente general Joaquim Francisco Corádo, e para escrivão-secretario — o marechal Miguel Lino de Moraes. No palacio do governo em 20 do mesmº mez e anno (1815) foi a mesa eleita real e corporalmente im-

aceita
me amol

seu taboleiro

a manhã era

se do-

os virão

para o

1-

possada do cargo administrativo geral da Santa Casa, mas não foi sem muitas contrariedades que marcharão esta e as mesas, que lhe succederão, tendo muitas e repetidas vezes que lutar com os governadores da provincia, os quaes erão nas eleições os preferidos para os principaes cargos e por isso entendião que devião dispôr á seu bel-prazer de um estabelecimento que se estava levantando para recolher a humanidade enferma ou desvalida, para o que com tantos sacrificios todos os moradores d'esta cidade e em geral os habitantes de toda a campanha da provincia, concorrirão áporfia com suas esmolos, até que sua S. M. I. o Sr. D. Pedro I.º de saudosa memoria, resolveo por bem e em virtude de consulta da Mesa do Desembargo do Passo de 29 de Maio de 1822, confirmar e reconhecer a irmandade com todos os privilegios, prerogativas e mais beneficios que ás mais irmandades da Misericordia existentes no Brasil, erão concedidos e que a Constituição não tivesse derogado.

O finado Exm.º Sr. Vis-conde de São Leopoldo, foi o primeiro mordomo-mór do hospital e eleito provedor em 1825, anno em que conseguiu que a sua abertura solemne se fizesse no dia 1.º de Janeiro de 1826, dia em que no mesmo forão os primeiros enfermos admittidos á trato da Caridade e nunca mais se fechou, ainda que annos depois passava por contingencias bem criticas e que á não ser a perseverante solicitude, constante dedicação e muito zelo do finado provedor e bemfeitor o Rvm.º Francisco Ferreira Leitão, seguramente terião de ser suas portas fechadas e a humanidade enferma desvalida por falta de recursos.

Em 1819 se principiou a pequena capella junto do hospital, a qual se concluiu em 1825 e é ahi venerada a imagem do Senhor dos Passos, que foi tomada como orago da mesma. Sendo esta porém nimiamente pequena e sem relação alguma ao magnifico edificio da Misericordia, com empenho tratou a mesa do anno passado e a do que vai correndo tem tratado de a substituir por outra, que seja mais condigna da magestade divina, dos officios religiosos nelle frequentemente praticados, concorrendo para esta grande obra as avultadas esmolos com que de todos os pontos da provincia e mesmo de fóra d'ella, os fleis áporfia vem para este fim apresentar.

Em 24 de Janeiro de 1838 tomou a Santa Casa a seu cargo a criação dos expostos, que até essa época se achavão á cargo da camara municipal, havendo então 43 de ambos os sexos para os quaes á lei do orçamento provincial consignára 12 contos de réis, sendo 8 destinados a criação dos mesmos e os 4 para o curativo dos enfermos pobres.

Com esta consignação não era oneroso á Santa

Casa semelhante encargo, tanto mais porque em geral todos os mantimentos custavão mais barato que hoje, as amas de leite, regenta e outros empregados indispensaveis se accommodavão com salarios mais modicos, o que actualmente não acontece, entretanto que as consignações que deverião ser augmentadas na proporção do crescimento natural da população, tanto de presos como de expostos, que só estes excedem actualmente á 200, apenas para tão grande numero a assembléa provincial concedeo este anno 20 contos de réis, com a obrigação do curativo tambem dos presos pobres e tratamento das praças do corpo policial.

É este estabelecimento dirigido por uma administração superior eleita, a qual se verá na rubrica correspondente do Almanack e que toma posse em o 1.º de Janeiro de cada anno, em memoria de ser este dia o anniversario da abertura do hospital.



VARIÉDADE.

A donzella pallida.

(Continuação)

II.

Quereis saber a historia ignorada de seus soffrimentos ?

Perguntai-a á cada uma das rugas prematuras que lhe sulcão a fronte: são as lembranças que a sensibilidade estampou para sempre em seu pensamento.

Porque não acolheu as fraquezas do homem que amára com o sorriso do desprezo ?

Porque não se rio com a altivez de seu pensamento da incapacidade de espirito que a não comprehendêra ?

Era que ella, organisada como os artistas de delicado engenho, levára desde os primeiros annos da juventude á crear um ente ideal para consagrar-lhe seu affecto. Dera-lhe a paixão de um paladino, a constancia de Petrarcha, a sublimidade de Lamartine e o infortunio de Gonzaga. Queria-o infeliz para reaquerer seu coração no aperto de seus braços, para distrahir-o nos momentos de desespero, para dar-lhe em um beijo a esperança quando o desalento o alquebrasse. Pobre filha dos campos, que tinha só da civilização a delicadeza dos sentimentos e das idéas e ignorava a mentira de todas as ficções, de que as almas corruptas se aproveitão !

Um dia encontrou em um salão um mancebo de physionomia expressiva, de olhar ardente: pallido como Manfred, eloquente como uma pagina das Harmonias. Fallava de todas as nobres aspirações da humanidade com enthusiasmo e parecia talhado para trabalhar em suas realisações. Era um d'esses vultos significativos, que nunca se podem desprender da memoria quando uma vez os vemos.

Arminia amou-o.

E quando as suas palavras se cruzarão, suas idéas se encontrão tão semelhantes, apertão com prazer as mãos, ella enrubeceu e o mancebo de pallido, que estava, tornou-se livido e um sorriso inexplicavel desenhou-se sob sua expressa barba.

Esse sorriso continha todo um futuro de trações.

Sentira elle talvez todo o mal que fizera com suas palavras fingidas naquella que o acreditára?

Talvez calculasse que na senda de victorias que tinha á percorrer, mais uma cabeça de victima se devia curvar sob seus olhos, mais um corpo inanimado devia, depois do triumpho, antepôr-se á seus passos. Mas que importava á elle? Não era louco esse calafrio de terror que o assaltára, quando mais alguns dias de satisfação á seu orgulho se offerecião, quando uns labios tão risonhos, um rosto tão inebriante lhe promettião o primeiro amor de uma donzella!?

E para que temer o remorso?

O remorso é a desigualdade de caracter dos corações fracos; um espirito energico nunca se arrepende: se faz o mal o porque assim o requer a força da necessidade.

Um sorriso de compaixão era para elle a oração funebre de suas victimas esquecidas.

III.

Nas ultimas horas de uma noite de estio, quando a lua ia escondendo-se nas aguas negras do Atlantico e a estrella d'alva scintillava sobre as montanhas do amphitheatro de Guanabara, estavam elles sentados á margem d'essa bahia que illuminou com um ultimo lampejo de sublimidade poetica o estro moribundo do joven Azevedo. O mancebo pallido estava inquieto e olhava alternadamente para o ancoradouro e para o rosto affavel, carinhoso, ainda seductor de Arminia, de cuja suave prisão tentava desprender-se.

Aquelle coração sem fé, sem aspirações generosas, abrandára-se ao contacto da natureza delicada, sublime em sua superioridade e invencivel em seu dominio da innocente donzella.

Elle cruzava os braços, que já haviam sido com outras tão ousados e olhando com o gesto de profunda indagação para os vastos horisontes, parecia perguntar-lhes se não era mentira toda a sciencia arida e materialista que havia bebido nos livros do seculo e se o seu espirito, que elle julgava tão perfeito, não carecia de um elemento desconhecido, que elle outrora chamára fraqueza, mas que agora comprehendia ser a sensibilidade.

A donzella que sentira o vago em que assentavão as brilhantes expressões de seu amado, procurava chama-lo á suas crenças sem duvidas, á sua generosidade sem calculo, aos seus interesses moraes superpostos á mesquiñhez do materialismo. Mas ella não comprehendêra quão viciado estava aquelle espirito, que por nascimento viera disposto para rastejar pelos prazeres, que findão com a juventude. O metal tocado pelo marletele do artista dêra um som agudo e profundo, mas que em breve se esvaíra para tornar á fria e ao silencio.

Uma detonação forte partida de uma embarcação do porto, despertou-os de sua pratica elevada; a donzella calou-se e o sceptico ergueu-se apressado:

— Adeos, Arminia, eu parto!

Um raio de luz veio mostrar a verdade á infeliz donzella.

— Tu deixas-me, e para sempre!... este tiro partido do navio é um signal!

O mancebo ergueu-a um momento em seus braços. Estava resolutto e despido de sensações amorosas.

— Sim, deixo-te! Quero ser franco... não me supplices — seria em vão. Junto á ti o que tenho á esperar? A mediocridade de fortuna, a igualdade monotona de um affecto! Quero ser rico, quero ser poderoso, quero sorver innumeros prazeres antes da velhice. Deito todo o affecto de que podia dispôr. Não acredites mais em homem algum: em nosso seculo de dinheiro, o amor é uma loucura e as paixões só a rasão as aceita nos prazeres. Esquece-me... eu te perdôo, se me amares!

E fugio, deixando-a inanimada sobre seu taboleiro de relva.

Quando ella acordou o dia já ia alto, a manhã era esplendida, o mar estava calmo e a viração soprava docemente. Ao longe, já fóra da barra, seus olhos virão um vapor, sahido ao amanhecer e que se dirigia para o alto mar, deixando nos ares após si uma espiral de fumo enovelado.

— Adeos! disse ella, — adeos, amor! minha juventude, minhas esperanças, meu ideal!

E voltou envelhecida alma, gelada no corpo para a residencia, que já para ella era um tumulo.

IV.

E agora eil-a, deslizando pelo mundo, como a sombra do orphão morto ao desamparo.

Que deixou ella nas vagas d'esse mar, que se agita ao impulso de todos os interesses?

Nada a prende á sociedade. Amaldiçoou as que haviam nutrido suas illusões. Renegou os festos em que os espiritos cansados esquecerem seus soffrimentos na embriaguez. Os gozos de um amor tanto e correspondido serião para ella o perjurio de um passado saudoso. Quer trajar eternamente o luto de sua afeição perdida.

Mas quando uma noite estiva desenrola seu firmamento povoado de constellações brilhantes, quando se ouve apenas nos bosques o zunido dos insectos e no prado o murmúrio das aguas que reflectem os esplendores do céu, ella deixa o seu aposento em que ha por unico adorno um crucifixo á parede nua e fria, por unico livro o Evangelho sobre uma estante negra e vem aspirar na brisa do campo os perfumes da natureza virgem. No meio do silencio tine ás vezes a sineta da capella, ou vem ecoar na solidão os cantares de uma reunião juvenil; então um estremecimento doloroso agita a pobre

donzella e o movimento passageiro que a impelle para o mundo que deixou. Mas depois o silencio torna com seu aspecto lugubre e sereno, as idéas fixão-se de novo para ella e aquelle manto mortuario da solidão lho envolve o espirito abatido.

E assim fudarão teus dias, donzella de infortunio, o como o ultimo bruxolear da alampada do sanctorario, tua vida se extinguirá em uma sensação saudosa!

Reinaldo Carlos.

Vassouras, 2 de Maio de 1857. — Da „Patria.“

Album Poetico.

TROQUEMOS A LYRA.

Ao Sr. Frederico de Villeroy.

se ao menos-minha dôr eu te contasse
Oh! piedade! uma hora, um só momento!
(L. C. S.)

De monotonos sons balbuciente
Emudeceu-me a lyra
E nas cordas morrerão nottas d'alma
Que amor nella exprimira.
Inda guardo no peito a ultima endecha
Que nellas exhalei
E passando-me as auras escarninhas
De pêjo.... vacillei.
Decorando as canções que da secunda
Phantasia derrama
Quiz trocal-a co' a tua — engrinaldada
De tão viçosa ramas!
Por teus dedos tangida — em meigos quebros
Quiçã possa vibrar;
Para mim não ha céu que inda me inspire
Que a faça modular!
No firmamento crusão-se, mil astros,
Nem um me vem sorrir;
A tua lyra falla.... eu quero ao menos
Um som nella ferir....
Troquemol-as, ó vate, um só momento
Quero pedir-lhe encantos,
Beber nas melodias d'essa lyra
Vida para meus cantos!
Quero beijal-a e o palpitante seio
Abrir á essas ternuras
I dos labios trementes na paixão
Sorver doces venturas!
De meus sonhos a historia silenciosa
Matou-me a voz de um bardo;

Quero fallar.... não posso — a flôr mimosa
Empallidece o cardo!
Só tu — na lyra de ouro — em vez da minha
Serás de um éco a sombra,
Fallarás por minha alma, como a noite
Do dia sobre a alfombra!
Dormem no ocaso os astros diamantinos
E em mim — recordações;
Deixa que eu sagre á tua eburnea lyra
Tristonhas saudações.

P. A. de Miranda.

A'OS ANNOS DE UMA SENHORA.

(Imitação vulgar.)

Se eu fôra um poeta dos ermos da campa
Os hymnos de morte p'ra o mundo á entoar,
A lousa quebrando, calando as endechas,
Viria os teus annos, oh! virgem, saudar!
Se eu fôra dos bosques as turbas volateis,
Do céu a harmonia, d'um anjo o sonhar,
No collo de cysne soberbo que elévas
Eterno vivêra, ou morrêra á trinar!
Se eu fôra dos campos as rélvas mimosas,
Tapêtes que sabe só Deos matizar,
Erguera-te — ahi — de flôrinhas um throno
Sentindo em minha alma teu meigo pousar!
Se eu fôra da rosa o setim purpurino
As folhas brilhantes quizera deixar....
Murchadas qu'importa e em desmaios que dizem,
Se em faces de neve eu iria assomar?!...
Se eu fôra o arrebol incendiado da tarde,
A'o mundo dizendo um adeos, á expirar,
Tomando teu vultu formoso e potente
A terra em seus eixos faria parar!...

Porém, eu não sou um poeta saudoso,
As faxas do céu em seu lindo passar,
Do prado as flôrinhas, das aves o canto,
Nem purp'ra de rosa com seu desmaiar....

Escuta, nie ouve, mulher, ou meu sonho!
Eu sou um phantasma á quem ousas amar...
Mas, não: eu te minto! Sou barde gemente
Que venho á teus annos um canto offerlar!...

Junho 7.

Porto Filho.

ACROSTICO DOBRADO.

Attendei-me, meu anjo, attendei-me,
Como anjo, á meus males dai fim;
Orvalho ás plantinhas dá vida,
Tambem vida me dá vosso — sim:
Ignorais por ventura que soffro?
Reflecti... tende pena de mim.



Revista.



Temos duas amostras de vida neste *pelago de illusões*: uns riem á não poder mais; outros chorão até as lagrimas que os outros deitão fóra. Entretanto estes paixão pelo meio termo e aquelles ora riem como um menino de escola, ora se mettem no serio como o caracol na concha, ou a beata na mantilha.

Porto Alegre está uma entidade d'esta ultima classe: para elle ha duas épocas distinctas.

A 1.^a está para passar-se: os divertimentos vão minguar — bailes, circo-olympico, etc. etc. — vai tudo levar tantas reticencias como tem de barro e de pedrinhas á sahida do portão.

A 2.^a ahi vem muda e silenciosa como qualquer moderno excomungado, ou antigo professor que vem d'aqui á um anno á chamado dos novos exames.

Na 1.^a precisava eu a habilidade de Torriani para dizer sete noticias em duas palavras; hoje preciso a habilidade de um administrador para dar contas em muitas palavras do que fez com pouco dinheiro.

Todavia é preciso que eu me avenha e que ponha em trabalhos extraordinarios o meu éco afim de poder contar alguma cousa..... E que pensão Vmcs. que é o meu éco?

Somo na igreja de Agrigento, a voz macia da donzella que passa atravez dos orificios do confessorario, ouço-a eu d'aqui sem me custar um passo á ir procural-o; ouço o que fallão empresarios e artistas na côrte, o vapor do Rio lutando com os vagalhões da barra e o Laemmert distribuindo originaes de um poema que vai sobresahir na litteratura brasileira. Em Paris..... ora deixemos o que se faz em Paris: em Roma

ouço a voz de um rato que se introduzio no vacuo de uma imagem no Pantheon e que parece inculcar-se — *linguagem da eternidade!* Philosophos e medicos já procurão explicar a causa d'aquelle brado e o facto é que com petas d'estas tem a sciencia ganhado muito. — fação cá o mesmo! (já um rato entra na historia!) No museu de Copenhagem ouço os applausos que leva a callygraphia por acharem-se escriptas sobre uma pevide de melão as revoluções de França desde 1780:

Luiz XVI e o Directorio no tempo de Pio VI.

Napoleão no tempo de Pio VII.

A Revolução de Julho no tempo de Pio VIII.

Luiz Philippe no tempo de Pio IX.

Olhem lá os *Pios!*

Tudo isto eu sei por causa do meu éco, assim como sei que o *rosillo* perdeu, e que o Sr. Flovindo não vem mais á provincia, embora continuem annunciando-o em letra redonda; que está ahi um actor da companhia *Gymnasiò*, e que o theatro *garnizé* atufa-se todo para o GRANDE DIA; que a *sociedade patriótica* está preparando modas novas e que entre os divertimentos haverá tambem um *fogo diamantino* com figuras allegoricas, que se diz será *pela primeira vez* nesta cidade, como se fosse drama que embora se *queime* póde ser visto pela gunda vez: os poetas já estão *perscrutando os bontes*, e os que não tem dinheiro estão poupa menos os sapatos.

O vapor do Rio chegou esta semana, e correio estivesse fechado, deitarão-lhe no corredor um

pouco de barro, para divertir o *commercio á retalho* em amassal-o, isto quer dizer que — *os pés* do commercio ajudão a arte dos pedreiros !

Enigma pittoresco traduzido em uma boa linguagem !

Os que não erão do commercio pulavão-lhe por cima cantando este estribillo :

Jusqu'à ce que nous serons.....

Jusqu'à ce que nous serons.....

— *Jusqu'à ce que nous serons* o que ? grita-lhes o porteiro esfregando os olhos cá de baixo.

— Nada não Sr., diz-lhe o tal Fuão, estacando-se no meio do barro e todo tremulo — *jusqu'à ce que nous serons..... jusqu'à ce que nous serons.... entrès dans le courrier.*

Alguns dos que esperavão querião só cartas estrangeiras ; amassarão, amassarão..... á final abrio-se a porta... esperarão, esperarão..... e á final — **NÃO HIA CARTAS ESTRANGEIRAS !** Pois custaria tanto escrever isso num quarto de papel e affixal-o na porta para conhecimento dos menos preguiçosos ?

Bem disse a redacção cá de casa no seu 1.º numero ; — **A INTELLIGENCIA NÃO PARA !** — O Christianismo offerece as aguas do seu baptismo á toda a humanidade *racional* ; pois bem : ha uma outra religião que tambem baptisa as cousas e os animaes, creou-a D. Necessidade, rainha dos Usos da Vida ; seu tribunal é a *grammatica* ; seus ministros os mestres de escola. — Entre os cavallos chamou-se por exemplo : *Peguso* á um que nasceu do sangue de uma Gorgona, chamada Medusa por obra e graça de Perseo e do escudo de Minerva ; *Passarinho* á um que serve para fazer travessuras no Circo e andar á roda, montado por uma pequena Amazona e assim outros como : *Jacobina*, *Bufalo*, *Sabino*, *Monarcha*, *Nero*, *Franklin*, *Cotó*, *Inca*, *Carneiro* (á este especialmente cabe-lhe bem o nome, porque parece feito de *encommenda*) *Bucephalo* á um que servia para as conquistas de Alexandre, etc. etc. Para as cocheiras, pois, precisa-se tambem de um nome, e attenta á analogia que ha de um freio e um rabicho com as aguas do *Guayba*, chamarão á uma — **COCHEIRA DO GUAYBA.** —

— a-nos S. José que o *Guayba* vai pouco á pouco o seus rivaes !

E por fallar de cocheiras eis aqui a copia do annuncio affixado na porta da Cocheira da *Arvore*, que não sem precisar *explicação* como diz o mesmo annuncio.

COCHEIRA DA ARVORE.

Quem quizer ter Bons cavallos
Sendo para aluguel
Procure-os na cocheira
Do Sr. João Maciel.

Bons selins e boas mantas
Alli póde-se encontrar,
Para com toda a decencia
Na cidade passear.

Lá recebe-se tambem
Os cavallos para trato,
Explicando-se primeiro
Serão servidos barato.

De fiados não se entende
Seja o idioma que fôr,
Inda que seja por musica
Com zabumba, ou com tambôr.

A' excepção de algum mitra
Que passe por *dilletanti*,
Pois primeiro ha de entender-se
Com o Sr. Cavalcanti.

Porque sendo esse Sr.
Da *Arvore* o caixeiro,
Creio que póde fiar
Apresentando o dinheiro.

Note bem : o Sr. B.
È chamado ao pagamento,
— Que o cavallo foi á missa
E o pecunio foi ao vento.

Por tanto cheguem-se á *Arvore*
Que limpesa hão de encontrar,
Pois é por pé no estribo
E a mão para pagar.

E conclue-se avisando
Para toda a segurança
Que a sobredita cocheira
È na rua de Bragança.

Domingo foi o beneficio do Senhor dos Passos no Circo-Olympico : geraes e cadeiras engurgitavão de expectadores porque não ha melhor meio de ser devoto do que aproveitando o seu dinheiro (excepto nas loterias). Lama tambem por lá estava á tóa. Os trabalhos forão executados com vontade, sómente na scena do *principe* uma enchaqueca, cuja causa não era conhecida de Mr. Luande, fez que o Sr. Carlos finalisasse mais depressa o seu volteio. Madame Honoré prefere os equilibrios aos dansados, quando póde saber que nestes é o seu papel mais brilhante e menos arriscado. A joven Therezinha entrou na scena final, porém não se lembrando que ia representar a *deosa das flôres*, creou para a mythologia mais uma divindade que nós não conheciamos e que para lhes poupar de ir aos dictionarios poderá chamar-se a — *deosa das fitas*, que muito bem diz com o seu cavallo

—chita. O arrogante passarinho está ainda meio redomão, quando não, eu, que não sou Caligula, nomeava-o consul se elle chegar á ser tão habil comendo, como o seu mestre na corda volante.

Houve esta semana dois dias nacionaes, isto é, dois dias expressamente feitos para nós, dois dias em que as nações estrangeiras não têm direito algum, salvo no corpo das folhinhas e talvez por alguma coincidência. Um d'estes porém foi nosso por mais de um motivo: era o anniversario da maioridade do nosso Monarcha e fazia annos o nosso bom Pastor, que Deos conserve em sua guarda para gloria e tranquillidade dos seus apascentados.

O Freguez.

CHARADINHAS.

No bonné. 2
No rio. 1

CONCEITO.

Em Saragoça dei muitas
Provas de meu valor.

OUTRA.

A impostura detesto, a mesquinhez. 1.^a e 3.^a
Em casa ninguem quer-me, á rua deitão-me. 2.^a e 3.^a

CONCEITO.

Sendo bem são e perfeito,
Um Santo chagas me deo.

Romances e Novellas.

CAIN,

O PIRATA.

ROMANCE DO CAPITÃO MARRYAT.

(Traduzido para o Guayba.)

CAPITULO VII.

A BAHIA DORMENTE.

(Continuação.)

Subamos agora á bordo e veremos que nossa primeira surpresa proveio da illusão que causavão ao longe as dimensões do navio, que parece não ser de mais de 80 toneladas e que entretanto é de mais de 200; seo comprimento é prodigioso e seos mastros que parecem tão finos, tem um circuito extraordinario. O convez compõe-se de estreitas taboas de pinho claras e lisas, os cabos do cânamo de Manilha, artisticamente enrolados em malaquetas de bronze, recahem com graça no convez, cuja brancura contrasta com o verde-escuro de seus portinholas; seo cabrestante e a bitacula marchetados de jacarandá, lavrado com as arestas bronzeadas; seo oculo descunça coberto por um delicado tecido de finas cordas; vêem-se carabinas e espadas limpas e brilhantes, enfileiradas ao redor do mastro grande.

No centro do navio, entre a mesena e o mastro grande está collocada uma peça de bronze de calibre trinta e dois, de grande comprimento, fixa sobre um rodizio e de modo que fique abrigada, quando fizer máo tempo, de cada lado estão tambem dispostas oito pequenas peças de bronze de um trabalho notavel. A construcção

do navio provava a habilidade de seos obreiros, sua equipagem, e a economia da administração, que sacrificou a superfluidade ao bom gosto; na ordem e no aseo, adivinhava-se o commandante, que junta á mais severa disciplina os conhecimentos praticos de um excellente marítimo. Como, com effeito, sem um igual chefe, o Vingador teria podido proseguir em uma carreira tão perigosa, manter em par á seo bordo uma banda de aventureiros que desprosvão as leis divinas e humanas e cuja maior parte tinha não somente feito correr sangue, como perpetrado os mais horriveis crimes! Seguramente era necessario que o homem, que o commandava não temesse rival. Superior por sua energia, seos talentos e sua audacia, elle era dotado, além d'isso, de uma força phisica quasi hecúlea. Infelizmente tornava-se do mesmo modo notavel por suas infamias, sua crueldade e seo desdem para com todos os principios de moral e de religião.

Muito fracas noções se havia sobre seo nascimento e o principio de sua vida era um mysterio; entretanto passava quasi como certo, que sua familia, que habitava as margens do Tweed, tinha velado sobre seos primeiros annos e cuidado de sua educação. Que circumstancias o tinham feito descer de sua posição social e perder-se na degradação e infamia? É o que se ignorava; sabia-se somente que antes de ser chefe de piratas, tigha traficado com escravos. O nome porque era conhecido de seos companheiros era o de Cain, elle o merecia tanto mais que, durante o espaço de trez annos, seo braço tinha estado constantemente levantado contra seos semelhantes e que não havia um só homem, que não desejasse seo exterminio. Sua estatura era de mais de seis pés; a largura de seo peito e de suas espaldas, denota-

vão a força de um gigante. Suas feições terião sido bellas sem as enormes cicatrizes que as desfiguravão, mas seos olhos azues não deixavão de ter dôçura. Tinha a boca pequena, os dentes alvos, os cabellos apessos e encrespados; a barba longa, como a dos homens que elle commandava, cobria toda a parte inferior de seo rosto; seos membros erão proporcionados, mas seo aspecto inponente causava medo. O trajo elegante era calculado de maneira que fizesse sobresahir sua altura e robustez. Compunha-se de umas calças brancas, compridas botas de couro amarello, semelhantes ás de que fazem uso os habitantes das ilhas occidentaes, uma camisa de longas listras, uma manta de cachemira, enrolada abaixo da cintura, um colete tecido de ouro, uma veste de veludo escuro com borlas tambem de ouro, que lhe cahião sobre os hombros á maneira dos marinheiros do Mediterraneo, um boné turco, ricamente bordado, ornava sua cabeça; e um par de pistolas, um longo punhal á cinta, completavão seo ornato.

A equipagem compunha-se de cento e sessenta e cinco homens, quasi todos de nações differentes, mas os lugares de distincção e postos elevados erão unicamente occupados por Inglezes, ou habitantes das regiões do norte. Hespanhoes e Maltezes formavão o resto da tripulação; entretanto vião-se tambem alguns homens de outras nações negros e outros indigenas.

No tempo em que fallamos, tinha-se ajuntado vinte e cinco homens ao numero primitivo da equipagem. Os ultimos erão Kromans, raça de negros muito conhecida presentemente, ~~que habita a costa visinha ao cabo das Palmas.~~ Esses negros são frequentemente empregados á bordo dos navios de guerra em estação naquellas paragens, para alliviarem no serviço os marinheiros inglezes, que difficilmente resistem ás fadigas nesse clima. São homens robustos, activos, bons marinheiros, de uma índole alegre e que não se assemelham aos outros africanos. Elles estimão muito os Inglezes, cuja lingua fallão sufficientemente para serem comprehendidos e considerão como uma festa vir á bordo receber o baptismo do Deus das ondas. Conservão geralmente toda a sua vida o nome que recebem nessa occasião; e não é raro achar naquellas plagas longinquoas Blickers, Wellingtons, Nelsons & torcendo cabos de cânamo e fazendo as obras mais grosseiras, sem pensar que rebaixão tão illustres nomonymos.

Não é de presumir que esses homens entrassem voluntariamente para o serviço do pirata; tinham estado sem duvida empregados em navios mercantes dos que fazem o commercio das costas e seria na occasião da matança de suas tripulações, terminada pelo incendio que elles forão poupados pelos piratas para augmentar seo numero. Grandes recompensas lhe terião sido necessariamente offerecidas mas não confiando nellas aguardavão occasião favoravel para se evadirem.

O commandante do schoner está postado na pôpa olhando ao longe com auxilio do oculo, á espera de um navio que deveria estar á vista. Os officiaes e marinheiros estão estendidos ou girão pelo convez, offegantes de calôr e fazendo votos para que a brisa do mar venha refrescar a atmosphera abrasada. Suas grandes barbas, seos peitos nus, seos rostos morenos, seos olhares ferozes lhes dão um ar terrivel mesmo nessas horas de descanso.

Descendo á camara do schoner, nota-se a simplicidade de seos moveis. Consta ella de duas peças, contendo cada uma um feito o do lado contrario um largo armario, em outro tempo destinado á guardar louça de porcelana, mas então carregado de baixella de ouro e prata de todos os feitios e dimensões, fructo dos roubos do pirata.

Vêem-se alampadas de prata suspensas no tecto; seos ricos labores indicão que em sua origem forão reservadas para um uso mais nobre, para servirem de ornamento á capella de algum santo catholico.

Nessa parte do navio achão-se dois individuos para os quaes chamaremos a attenção dos leitores. Um d'elles é Krouman, de phisionomia aberta, cujo nome de baptismo é Pompeo, com o cognome de — grande — sem duvida por cau-a de sua elevada estatura. Trazia umas calças á maneira dos mamelucos; o resto do corpo descoberto deixava vêr uma pelle lisa e lustrosa, membros musculosos dignos da admiração de um escultor, ou de um anatomico. O outro é um moço ainda na adolescencia, que parece ser de sangue europeu: suns feições denotão desgosto e soffrimento, mas que entretanto não destroem nem sua belleza, nem sua expressão espirituosa. Estava vestido pouco mais ou menos como o chefe, mas seo vestuario envolvia mais graciosamente seo corpo delgado e esbelto.

(Continúa.)

APHORISMOS.

DELICADEZA.

A delicadeza é a flôr da virãde.

Uma subtileza excessiva é uma falsa delicadeza.

A delicadeza é como uma rosa, que se pôde sentir, mas que se não precisa de tocar.

Os homens, ainda os mais delicados, são mais cuidadosos da delicadeza dos outros, que da sua.

Com este Numero acaba-se um anno do Guayba.